



Ano 4, Vol. VII, Número 2, pág. 61-76, Humaitá, AM, Jul.Dez, 2011.

RELAÇÕES ENTRE PARES, RESILIÊNCIA E BEM-ESTAR DOS ALUNOS NA ESCOLA

Filomena Adelaide de Matos

Saul Neves de Jesus

Universidade do Algarve, Portugal

RESUMO: Nas últimas décadas, temos vindo a assistir a uma crescente preocupação com as relações entre pares existentes nas escolas, e com a forma como essas relações interferem quer com sucesso escolar, quer com a saúde física e mental do indivíduo. Muitas são as alusões a violência física e psicológica entre os jovens e urge, cada vez mais encontrar formas de transformar este clima de instabilidade num ambiente de paz e confiança. Este artigo resulta de uma investigação realizada no Conselho de Faro, em estudantes dos 2º e 3º ciclos, em escolas públicas e privadas. A amostra (n = 1361) é constituída por crianças/adolescentes entre os 9 e os 17 anos de idade. Pretendemos avaliar a relação existente entre as relações entre pares e a resiliência. Para tal, recolhemos dados acerca das relações entre pares e da resiliência, utilizando o *Inventário de Violência entre Pares*, que permite avaliar o tipo de relação entre pares e o inventário *Measuring State and Child Resilience* que permite avaliar os níveis de resiliência. Os resultados da investigação demonstram que existe uma correlação negativa significativa entre a resiliência e o tipo de relação entre os pares, existindo também uma correlação negativa entre a resiliência e a idade do sujeito.

Palavras-chave: Relação entre pares. Resiliência. Adolescência.

RELACIONES ENTRE PARES, RESILIENCIA Y BIENESTAR DE LOS ALUMNOS EN LA ESCOLA

RESUMEN: En las últimas décadas, hemos verificado una creciente preocupación por las relaciones entre pares en las escuelas, y cómo estas relaciones van a interferir con el éxito escolar, o sea, con la salud física y mental del individuo. Muchas son las alusiones a la violencia física y psicológica entre los jóvenes y urge, cada vez más, encontrar maneras de transformar este clima de inestabilidad en un ambiente de paz y confianza. Este artículo se deriva de una investigación realizada en el Municipio de Faro, con estudiantes del 2º y 3º ciclos, en las escuelas públicas y privadas. La muestra (n = 1361) son niños y adolescentes entre 9 y 17 años de edad. Tuvimos la intención de evaluar la relación entre las relaciones entre pares y la resistencia. Para ello, se recogen datos sobre las relaciones entre pares y la resistencia, utilizando el inventario de la violencia entre iguales, lo que permite evaluar el tipo de relación entre iguales y el inventario de medición de resiliencia infantil diseñado para medir los niveles de resistencia. Las investigaciones realizadas indican que existe una negativa correlación significativa entre la resistencia y el tipo de relación entre pares, y que también existe una correlación negativa entre edad y resiliencia.

Palabras-clave: Relación entre compañeros. Resistencia. Adolescentes.

INTRODUÇÃO

O ser humano é gregário e vive em família que constitui habitualmente, desde o nascimento, o suporte para todas as necessidades. A passagem da infância para a idade adulta, é um tempo de experiências e contactos com o exterior que permitem ao indivíduo adaptar-se às novas exigências e à sua integração social. Os pares, constituem o grupo privilegiado onde cada um vai buscar dividendos para um desenvolvimento harmonioso e adequado, sendo com eles que passa a maior parte do tempo, ao invés do que fazia na infância, escolhendo o seu grupo tendo em conta as suas convicções.

Estas relações, processam-se essencialmente na escola, onde o jovem permanece durante grande parte do dia. A escola é assim, um local por excelência para o desenvolvimento de relações interpessoais, pois facilita o contacto entre pares e estrutura as relações sociais. Além disso, nesta fase, o desenvolvimento das competências sócio-cognitivas, parece estar relacionado com as interações frequentes e bem sucedidas com os pares (Sprinthall & Collins, 1994). No entanto, nem tudo é fácil nas relações entre os pares; existem situações em que o jovem pode não ser aceite e ser, até, vítima de violência física, psicológica ou social. Estes tipos de violência, podem ser nocivos para o desenvolvimento do indivíduo e podem ser colmatados com a utilização de estratégias que permitam fazer face e ultrapassar estas situações.

A resiliência é, por outro lado, a capacidade humana de resistir às provações e às dificuldades. É desenvolvida desde a infância e desde que a criança estabelece as suas relações de confiança, podendo ser alterada consoante as circunstâncias, permitindo ao indivíduo superar as suas dificuldades, sem ser lesado por elas.

Com este estudo, pretendemos perceber se existe relação entre a resiliência e os tipos de relação entre pares em indivíduos que se encontram na “fascinante viagem” da adolescência.

A ESCOLA

A escola constitui o local privilegiado onde os jovens estabelecem, desde sempre, relações interpessoais, permitindo experiências que levam ao desenvolvimento sócio-cognitivo. É um dos principais contextos onde o adolescente pode desenvolver as suas características pessoais (Sprinthal & Collins, 1994).

No entanto, a escola de hoje não é igual à escola das gerações anteriores. As mudanças rápidas a que temos assistido, a inclusão de alunos de várias culturas na mesma escola, os tipos de família onde os alunos estão integrados, muitas vezes diferentes das famílias nucleares a que nos acostumamos, resultam em diferentes vivências e conseqüentemente diferentes relações entre os jovens. Estas diferenças, por vezes bastante acentuadas, podem por um lado permitir ao jovem desenvolver a capacidade de aceitar a diversidade aprendendo a viver em harmonia mas podem, por outro, desencadear desavenças e complicações e gerar violência. No entanto, a escola é o local onde se processa a educação formal, que surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais de paz, de liberdade e de justiça. Esta aprendizagem representa um dos maiores desafios da educação, que tem um papel determinante na busca das boas relações entre os povos (Marques, 1998; Delors, 1996; Geremek, 1996; Tavares, 1996).

RELAÇÕES ENTRE PARES

No longo período que medeia a passagem da infância para a idade adulta, surgem novas regras no estabelecimento de relações. As relações entre os pares são mais duradouras que na infância; as relações entre os amigos passam a ser muito mais profundas e íntimas. A partilha de emoções, dúvidas e descobertas constituem as “sementes” para o estabelecimento da lealdade e da fidelidade, requisitos que estabelecem os grupos de amigos (Sprinthal & Collins, 1994; Rappaport, Fiori & Davis, 1982).

No entanto, as relações entre pares nem sempre são de amizade e boa vontade, em muitas ocasiões, revestem-se de violência. Este fenómeno, o da

violência entre pares, não é novo mas tem aumentado nas últimas décadas, ocorrendo na maioria das vezes na escola e constitui um risco para o bem-estar físico e mental do jovem (Matos, Negreiros, Simões & Gaspar, 2009; Blaya, 2008).

A violência entre pares, nem sempre é muito visível, pois para além da violência física que pode atentar contra a vida do agredido, outros tipos de violência há, mais escamoteada e que podem ter acções nefastas profundas no desenvolvimento do adolescente, no seu auto-conceito e na sua auto-estima. Estas situações que provocam mal-estar são por vezes tão graves que podem levar ao isolamento e mesmo ao suicídio do jovem (Matos, Negreiros, Simões & Gaspar, 2009; Blaya, 2008; Olweus, 1993).

A preocupação com o bem-estar dos jovens que são vítimas de agressão e com o clima da escola em geral (Blaya, 2008), tem também vindo a aumentar e, assistimos actualmente a uma tentativa de colmatar as situações de agressividade e mal-estar que alguns adolescentes vivem nas suas escolas. As várias intervenções feitas nas escolas a nível mundial, relacionam-se com o acontecimento pós-violência e com a resolução das consequências perniciosas particulares. No entanto, podemos ajudar os jovens a desenvolver em si próprios mecanismos que lhes permitam resistir às situações mais complicadas e resolvê-las, desenvolvendo a sua resiliência.

A RESILIÊNCIA

O desenvolvimento humano, sendo um processo multi-factorial, acontece da adaptação a novas situações e da transformação do conflito em bem-estar, incluindo neste processo aspectos internos da personalidade do indivíduo e aspectos externos a esse indivíduo (Ralha-Simões, 2001), constituindo uma característica pessoal de cada ser humano (Rutter, 1984, 1992). Do processo de transformação, que se caracteriza pela flexibilidade, parece emergir a resiliência (Tavares, 1996, 2001).

A resiliência é, por outro lado, a capacidade humana, universal, que permite ao indivíduo ultrapassar as situações nefastas para si, transformando-as em algo positivo, podendo ser desenvolvida ao longo da vida. Implica pois a adaptação às situações perniciosas, tornando o sujeito mais complexo e menos vulnerável (Grotberg, 1999) o que lhe possibilita manter o seu equilíbrio em situações mais ou menos violentas (Tavares & Albuquerque, 1998).

Vários autores referem, como características das crianças resilientes, elevada auto-estima (Bernard, 1995; Brooks, 1994) habilidades sociais, menor agressividade (Garmezy, 1993), habilidade na resolução de problemas e tolerância às frustrações (Gordon, 1996)

Os factores que parecem promover a construção da resiliência, para além dos factores internos (como elevada auto-estima, bom funcionamento intelectual) são os factores familiares (como o ambiente familiar afectivo, com ajuda a ultrapassar obstáculos) e os factores ambientais (os apoios fora da família, como os que podem existir na escola) (Masten & Coatsworth, 1998; Katz, 1996; Brooks, 1994). No entanto, vários autores referem a importância de pessoas significativas e dos vínculos construídos, na construção de personalidades resilientes, sendo vínculos com os pais, com professores ou com pares (Pereira, 2001; Vicente, 2000; Gomes-Pedro, 1999; Sprinthal & Collins, 1994)

Por outro lado, existem uma série de factores de risco, que resultam da interacção entre o indivíduo e o ambiente, experienciando o indivíduo situações traumáticas como a violência e o stress e que podem torná-lo vulnerável, dificultando a promoção da resiliência, levando muitas vezes à situação patológica ou à má adaptação (Yunes & Szymansky, 2001; Rutter, 1987).

METODOLOGIA

Participantes

Este estudo foi efectuado no Concelho de Faro, no ano lectivo 2009/ 2010, nas escolas EB 2,3 públicas e numa escola EB 2,3 privada. Participaram neste estudo, todos os estudantes que tiveram a autorização expressa dos seus pais/ encarregados de educação, tendo a amostra ($n = 1360$) sido constituída por todos os estudantes que deram respostas válidas.

Os estudantes têm idades compreendidas entre os 9 e os 17 anos (*Média* = 12.26; *Mo* = 11; *SD* = 1.65). Quanto ao género, 48,7% são do género masculino e 51,3% são do género feminino.

Quanto ao percurso escolar, 52,5% dos estudantes frequenta o 2º ciclo e 47,5% dos estudantes o 3º ciclo.

Quanto à escola que frequentam, 5,1% dos estudantes frequenta o ensino privado e 94,9% o ensino público.

INSTRUMENTOS

Para além da recolha dos dados sócio-demográficos e contextuais, seleccionámos um inventário constituído por duas escalas que medem a resiliência (Measuring Child Resilience, – MCR – é a escala que se baseia no pressuposto teórico de que a construção da resiliência se inicia na infância e descreve as características da resiliência na infância e Measuring State of Resilience – MSR- que descrevem as características actuais da resiliência), da autoria de Chok Hiew (1998), e validadas para a população portuguesa (Martins, 2005) e a Escala de Violência entre Pares (EVP) (Matos, 2010).

A MCR validada para a população portuguesa, é constituída por 18 itens, e é respondida através de uma escala tipo *Likert* de cinco pontos em que o estudante deve assinalar qual o grau de concordância ou discordância face ao que é afirmado (entre discordo totalmente e concordo totalmente) e apresenta as seguintes características psicométricas na escala total: α -Cronbach de 0,854 e KMO de 0,916.

A MSR validada para a população portuguesa, é constituída por 14 itens, e é também respondida através de uma escala tipo *Likert* de cinco pontos onde o

estudante deve que assinalar qual o grau de concordância ou discordância face ao que é afirmado (entre discordo totalmente e concordo totalmente) e apresenta as seguintes características psicométricas na escala total: α -Cronbach de 0,832 e KMO de 0,905.

A EVP é um inventário construído através dos referenciais teóricos da violência entre pares, sendo constituído por quatro escalas de frequência tipo *Likert* de seis pontos onde o estudante assinala a frequência do comportamento indicado (nunca; 1 a 2 vezes, 2 a 3 vezes por mês, 1 vez por semana, várias vezes por semana, sempre). Cada uma das quatro escalas apresenta seis itens e avaliam a dimensão *eu agredido* (α -Cronbach de 0,782; KMO de 0,828 com variância explicada de 48,221%), a dimensão *eu espectador* (α -Cronbach de 0,908; KMO de 0,916 com variância explicada de 68,717%), a dimensão *eu agressor* (α -Cronbach de 0,728; KMO de 0,817 com variância explicada de 44,012%) e a dimensão *clima geral* que avalia a percepção da violência na escola e tem duas sub-dimensões (interna e externa) (α -Cronbach de 0,715; KMO de 0,752 com variância explicada de 44,801%-interna- e 17,151%-externa).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para análise dos dados, recorreremos ao programa SPSS versão 17.0.

Para avaliarmos a relação existente entre as quatro dimensões da EVP, a resiliência em criança, a resiliência actual e a idade, utilizámos a Correlação de Pearson.

Pela tabela 1, podemos verificar que existem entre as variáveis estudadas, algumas correlações significativas. Encontramos correlações positivas significativas entre o agredido e o espectador ($p=0,01$), o agressor e o espectador ($p=0,01$), e entre o agredido e o agressor ($p=0,01$). Também encontramos uma correlação positiva significativa entre a percepção do clima de violência na escola e o agredido ($p=0,01$), o espectador ($p=0,01$) e o agressor e ($p=0,01$), o que nos permite afirmar que todos os indivíduos se apercebem da violência nas suas escolas, independentemente do tipo de

violência, já que a violência em meio escolar, nem sempre se traduz em comportamentos agressivos espetaculares (Blaya, 2008). Analisando os dados, também podemos afirmar que os que mais percebem o clima de violência na escola, são os agredidos ($r=,528$; $p=0,01$) o que parece ser plausível dado que a violência é perpetrada contra eles. Este facto pode pôr em perigo o seu desenvolvimento (Blaya, 2008). No entanto, esta percepção pouco difere da do espectador ($r=,494$; $p=0,01$) ou da do agressor ($r=,496$; $p=0,01$), o que nos leva a concordar com Blaya (2008) quando refere que são os pequenos factores que contribuem para degradar o clima geral da escola.

Por outro lado, encontramos uma correlação negativa significativa ($p=0,05$) entre a dimensão agredido e a resiliência em criança, uma correlação negativa significativa ($p=0,01$) entre a dimensão agredido e a resiliência actual, o que significa que quanto mais agredido for o jovem, menor é a sua resiliência. Esta constatação corrobora com Anaut (2005), quando considera que a violência é um factor de risco na construção da resiliência.

Encontramos ainda correlação negativa significativa entre a dimensão agressor e a resiliência em criança ($p=0,01$) e entre a dimensão agressor e a resiliência actual ($p=0,01$). Se compararmos a correlação existente entre os agredidos ($r=-,064$; $p=0,05$), os agressores ($r=-,144$; $p=0,01$) e a resiliência, podemos afirmar que os agressores são os menos resilientes. Por outro lado, ao analisarmos as correlações negativas entre agredidos e agressores e a resiliência em criança e actual, podemos dizer que os agressores são ainda menos resilientes que os agredidos. Podemos explicar estas constatações respeitantes à resiliência e à violência pessoal, quer agredido, quer agressor, através dos referenciais teóricos da resiliência. Se a resiliência parece produzir uma expressiva diminuição dos sinais emocionais negativos, como a ansiedade, a cólera e a irritação, favorecendo por outro lado a saúde emocional (Martins, 2005; Hiew, 1998; Grotbergh, 1995; Werner, 1989), parece-nos plausível que um agressor seja menos resiliente pois não conseguindo transformar a sua agressividade em calma, não possuindo mecanismos que favoreçam o coping e controlem o stress, não lhe resta outra alternativa que agredir. Sabemos também que a resiliência permite transformar as situações nefastas em

situações que o indivíduo consegue transformar (Grotberg 1998, 1995), o que parece não acontecer com os indivíduos em contacto com a violência, neste estudo.

No que respeita às correlações existentes entre a idade, a violência e a resiliência, encontramos uma correlação significativa positiva ($p=0,01$) entre a dimensão espectador e a idade, o que nos permite afirmar que quanto mais velho for o jovem mais vezes assistiu a actos de violência. No entanto, o facto de ser espectador não parece interferir com a resiliência, não havendo correlação significativa.

Não existe correlação significativa entre a idade e o agredido mas encontramos uma correlação positiva significativa ($p=0,01$) entre a idade e a dimensão agressor, o que nos leva a afirmar que os mais velhos são mais agressores, corroborando com vários investigadores quando afirmam que o agressor tem poder sobre o agredido (Matos e tal, 2009; Olweus 1993). Também existe uma correlação positiva entre a idade e a percepção de violência no geral ($p=0,01$), o que nos permite afirmar que os alunos mais velhos se apercebem mais da violência nas suas escolas.

No que respeita à resiliência e a idade encontramos também uma correlação significativa negativa, quer em relação à resiliência em criança, quer em relação à resiliência actual, o que nos permite afirmar que quanto mais nova, mais resiliente é a criança. Talvez isto aconteça pois na fase inicial da adolescência (Vicente, 2001; Alarcão & Tavares, 1992) a criança ainda se encontra particularmente protegida pelas relações vinculas preferenciais com a família, o que pode actuar como um mecanismo de protecção para a construção de resiliência.

Existe ainda uma correlação negativa significativa ($p=0,01$) entre a dimensão da percepção de violência no geral e a resiliência, o que nos permite afirmar que quanto maior for a percepção de violência, menor é a resiliência. Esta constatação vai ao encontro de outros estudos (Werner, 1993; Masten, Best & Gamezy, 1990) quando definem o risco e a vulnerabilidade na construção da resiliência.

Finalmente, a correlação entre a resiliência em criança e a resiliência actual é muito significativa e positiva ($r=,710; p=0,01$), o que reforça a ideia de que a construção da resiliência se inicia na infância (Werner, 1993) e o seu desenvolvimento se deverá observar durante a vida, apontando para uma perspectiva desenvolvimentista na construção resiliência .

Tabela 1 – Valores da Correlação de Pearson para variáveis violência entre pares, resiliência e idade

		Dim agredido	Dim espectador	Dim agressor	Dim geral	Resiliência criança	Resiliência actual	idade
Dim agredido	r	1						
	p							
Dim espectador	r	,483 **	1					
	p	,001						
Dim agressor	r	,391 **	,418* *	1				
	p	,001	,001					
Dim geral	r	,528 **	,494* *	,496 **	1			
	p	,001	,001	,001				
Resiliência Criança	r	- ,064 *	,036 ,190	- ,144 **	- ,15 0* *	1		
	p	,018		,001	,001			
Resiliência actual	r	- ,110 **	-,004 ,894	- ,158 **	- ,19 0* *	,710* *	1	
	p	,001		,001	,001	,001		
Idade	r	- ,028	,234* *	,112 **	,08 6* *	- ,144* *	- ,144* *	1
	p	,295	,001	,001	,001	,001	,001	

** - Correlação significativa a um nível de $p = 0,01$

*- Correlação significativa a um nível de $p = 0,05$

Analisámos a relação entre a violência entre pares, a resiliência e o género através do teste t . Pela análise da tabela 2, podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas em relação ao género, no que respeita aos agredidos, aos agressores e a análise que os estudantes fazem da sua escola em geral, sendo que os indivíduos do género masculino são concomitantemente mais agredidos ($M=9,79$; $DP=4,40$) do que os indivíduos do género feminino ($M=9,10$; $DP=3,54$) e também mais agressores ($M=7,85$; $DP=2,48$) do que os indivíduos do género feminino ($M=7,04$; $DP=1,54$), o que vai ao encontro de outras investigações realizadas que também referem que os indivíduos do género masculino são mais vezes agressores e mais vezes agredidos quando comparados com os indivíduos do género feminino (Matos et al, 2009; Blaya, 2008;)

Também verificamos a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os género, no que respeita à percepção de violência no ambiente escolar em geral, acontecendo este facto à custa dos indivíduos do género masculino ($M=9,60$; $DP=3,64$).

Podemos constatar também, diferenças entre a resiliência actual e os géneros, sendo que os indivíduos do género feminino são mais resilientes ($M=58,96$; $DP=6,43$) do que os indivíduos do género masculino ($M=58,22$; $DP=7,11$) mas, embora pudéssemos considerar estas diferenças estatisticamente significativas uma vez que $p < 0,05$, preferimos não as considerar estatisticamente significativa para evitar o erro tipo 1 (Nave, 2009), pois não sabemos se numa amostra mais alargada, os resultados seriam os mesmos. Também verificamos que na dimensão resiliência enquanto criança não existem diferenças estatisticamente significativas entre os géneros, o que parece ir ao encontro da literatura, pois não encontrámos estudos em que fossem referenciadas diferenças estatisticamente significativas entre os géneros e a resiliência enquanto criança.

Tabela 2 – Valores do teste T para a relação entre a violência entre pares, resiliência e género

	Género	Média	t	Sig 2
Dim agredido	M	9,79	3,227	,001
	F	9,10	3,210	,001
Dim espectador	M	15,37	1,320	,187
	F	14,83	1,320	,187
Dim agressor	M	7,85	7,233	,000
	F	7,04	7,155	,000
Dim geral	M	9,60	6,839	,000
	F	8,39	6,796	,000
Scoretotal rc	M	69,24	,999	,318
	F	68,73	,998	,318
scoretotaractual	M	58,22	-2,028	,043
	F	58,96	-2,023	,043

Conclusões

Este estudo teve como objectivo principal perceber a influência do tipo de relação entre pares e a resiliência.

Os dados revelam que as relações agressivas influenciam negativamente a construção de personalidades resilientes, quer para os agredidos, quer para os agressores, sendo os agressores os menos resilientes. No entanto, a resiliência dos espectadores não parece ser influenciada pela violência a que assistem.

Por outro lado, encontramos também que a percepção de violência na escola influencia negativamente a resiliência e essa percepção aumenta com a idade.

Quanto à construção da resiliência, os dados demonstram uma clara relação entre a resiliência enquanto criança e a resiliência actual.

O estudo evidencia também que os rapazes são concomitantemente mais agressores e mais agredidos do que as raparigas e que no que concerne à idade, os agressores são mais velhos.

As limitações deste estudo prendem-se com a exigência de todos os estudantes terem sido previamente autorizados pelos seus pais, pelo que desconhecemos

se numa amostra mais alargada com a população do Concelho de Faro, obteríamos os mesmos resultados ou se os jovens que não puderam responder aos questionários seriam em número maior de agressores ou agredidos.

Face a estes dados, é um facto a existência de violência nas nossas escolas.

Urge pois desenvolver estratégias que actuem na prevenção primária, permitindo a construção de um clima de harmonia e bem-estar, através da promoção da auto-estima e do auto-conceito, da valorização pessoal e da aceitação do outro. Para esta construção de clima de bem-estar, podemos decerto considerar o atingir de objectivos delineados entre os pares para a sua escola.

Por outro lado, seria importante estabelecer um observatório da violência nas escolas de forma a podermos actuar quando falha a prevenção primária (prevenção secundária) e, criar também um mecanismo de apoio às vítimas de violência, quando tal se tornar necessário para promover a reinserção no grupo (prevenção terciária).

REFERÊNCIAS:

Anaut, M. (2004). *A resiliência – ultrapassar traumatismos*. Lisboa: Climepsi Editores.

Araújo, M., McIntyre, T. & McIntyre, S. (2008). *Bullying no local de trabalho, clima organizacional e seu impacto na saúde dos trabalhadores*. 7º Congresso Nacional de Saúde Ocupacional. Sociedade Portuguesa de Saúde Ocupacional: Póvoa do Varzim.

Avilés, J. (2006). *El maltrato entre escolares en el contexto de las conductas de acoso. Bullying en la escuela. Modelos de intervención*. Confederación de STEs-Intersindical.

Aznar-Farias, M. & Oliveira-Monteiro, N. (2006). Reflexões sobre pró-socialidade, resiliência e psicologia positiva. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*. 2, 2.

Bee, H. (1979). *Psicologia do desenvolvimento questões sociais*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Interamericana.

Bernard, B. (1995). *Fostering resilience in children*



- Berryman, J. (2002). *A psicologia do desenvolvimento humano*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Blaya, C. (2008). *Violência e maus-tratos em meio escolar*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Cyrułnik, B. (2001). *Resiliência, essa inaudita capacidade de construção humana*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Danziger, C. (2002). *Violência das famílias – mal de amor*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Delors, J. (1996). *Educação, um tesouro a descobrir – relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: Edições ASA.
- Fonseca, I. & Veiga, F. (2007). Violência escolar e bullying em países europeus. In Barca, A., Peralbo, M., Porto, A., Duarte da Silva, B., Almeida, L. (eds.). *Libro de Actas do IX Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. 107 -118. A. Coruña, Universidad da Coruña. *Revista Galego Portuguesa de Psicología e Educación*.
- Gameiro, J. (1994). *Quem sai aos seus...* Porto: Edições Afrontamento.
- Gammer, C. & Cabié, M.C. (1999). *Adolescência e crise familiar*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Garmezy, N. (1993). Children in poverty: Resilience despite risk. *Psychiatry*, 56, 127- 36.
- Geremek, B. (1996). Coesão, solidariedade e exclusão. In Delors, J. (org.). *Educação, um tesouro a descobrir – relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: Edições ASA.
- Gomes-Pedro, J. (1999). O stress e a violência na criança. In Gomes-Pedro, J. (ed.) *Stress e violência na criança e no jovem*. Lisboa: Clínica Universitária de Pediatria, 325 – 334.
- Grotberg, E. (1995). *A Guide to promoting resilience in children: strengthening the human spirit*. The Hague: Bernard Van Leer Foundation.
- Grotberg, E. (1999). The international resilience project In Gomes-Pedro, J. (ed.) *Stress e violência na criança e no jovem*. Lisboa: Clínica Universitária de Pediatria, 211 – 234.

- Katz, L. (1996). Building resilience: helping your child cope with frustrations at school. *Instructor*. 106(3), 95-98.
- Magalhães, T. (2002). *Maus tratos em crianças e jovens*. Coimbra: Quarteto.
- Marques, R. (1998). *Professores, famílias e projecto educativo*. Porto: Edições ASA.
- Mascarenhas, S. (2006). Gestão do bullying e da indisciplina e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil In *Psicologia, Saúde & doenças*, 7 (1), 95 – 107.
- Masten, A.; Best, K. & Garmezy, N. (1990). Resilience and development. In *Development and psychopathology*, 2, 425-444.
- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C. & Gaspar, T. (2009). *Violência, bullying e delinquência, gestão de problemas de saúde em meio escolar*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Nave, F. (2009). *Manual de introdução à investigação utilizando o SPSS*. Faro: Universidade do Algarve (texto policopiado).
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: what we know and what we can do*. Cambridge: Blackwell Edition.
- Pereira, A. (2001). Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping. In Tavares (org.) *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez Editora.
- Ralha-Simões, H. (2001). Resiliência e desenvolvimento pessoal. In Tavares (org.) *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez Editora.
- Rappaport, C; Fiori, W. & Davis, C. (1982). *A idade escolar e a adolescência*. São Paulo: E.P.U.
- Rutter, M. (1984). Resilient children. *Psychology today*. 5, 57-65.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57(3), 316-331.
- Rutter, M. (1992). Nature, Nurture and Psychopathology: a new look and an old topic. In Tizard, B. & Varma, V. (eds). *Vulnerability and resilience in Human Development: a festschrift for Ann and Ann Clark*. 21-38. London: Jessica Kingsley.
- Sprinthall, N, & Collins, W. (1994). *Psicologia do adolescente – uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.



- Strecht, P. (2004). *Crescer vazio*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.
- Tavares, J. (1996). *Uma sociedade que aprende e se desenvolve – relações interpessoais*. Porto: Porto Editora.
- Tavares, J. (2001). A resiliência na sociedade emergente. In Tavares (org.) *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez Editora.
- Tavares, J. & Alarcão, I. (1992) *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Tavares, J. & Albuquerque, A. (1998). Sentidos e implicações da resiliência na formação. *Psicologia, educação e cultura*, (2) 2, 143-153.
- Tognetta, L.R.P. & Vinha, T.P. (2007) Estamos em conflito, eu comigo e com você: uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. In: Cunha, J.L., Dani L.S.C.: *Escola, conflitos e violências*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria.
- Vicente, C. (1998). *Promoção de resiliência*. Ministério da Justiça – Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. Departamento da Criança e do Adolescente. Políticas públicas e estratégias de atendimento sócio-educativo ao adolescente em conflito com a lei. Brasília.
- Werner, E. & Smith, R. (1982). *Vulnerable but invincible: a study of resilient children*. New York: McGraw Hill.
- Werner, E. (1989). Children of the garden island. *Scientific American*. 260(4), 106-111.
- Werner, E. (1993). Risk, resilience and recovery: perspectives from Kawai longitudinal study. *Developmental Psychopathology*, 5, 503-15.
- Wolin, S. & Wolin, S. (1994). *The resilient self: how survivors of troubled families rise above adversity*. New York: Villard Brooks.
- Yunes, M. & Szymansky, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In Tavares (org.) *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez Editora

Recebido em 3/4/2011. Aceito em 23/6/2011.